



Boa-noite.

Sinto uma grande honra por ter sido convidado para vos apresentar o livro *Entender o Cristianismo*, do senhor Padre Caetano Tomás. Não me lembro de outra apresentação me ter sido tão grata. Este meu sentimento de júbilo não se deve apenas ao assunto do livro, como também à excelência do seu tratamento. Muito nos podemos nós orgulhar de, na Diocese de Angra, termos irmão assim consciente das raízes profundas da nossa fé. Em nenhuma época abundaram as mentes iluminadas a este ponto, e por maioria de razão na nossa, que é tempo de crise manifesta. Agradeço ainda a Deus começar a Quaresma com um serviço público desta natureza.

O livro do senhor Padre Caetano Tomás entusiasmou-me sobremaneira porque, da primeira à última página, não se cansa de sublinhar que os problemas que rodeiam o Cristianismo contemporâneo se ficam a dever sobretudo às falhas no uso da razão, e não tanto a questões derivadas da fé revelada. Tal como ele – e ambos acompanhando o santo Padre Bento XVI – estou convencido de que a fraqueza religiosa do nosso tempo está directamente relacionada com a debilidade filosófica da nossa época. O homem ocidental deixou de ser crente porque abandonou a ginástica mental que nos acompanha desde a Grécia Antiga. Ao contrário do que é comum pensar-se, a religião não perdeu terreno porque as pessoas se tornaram mais cultas, pois que as pessoas estão muito menos cultas e, por isso, é que não entendem nada de religião e, muito menos, de Cristianismo. Isto é tanto mais de lamentar quanto o mal já entrou dentro das portas da Igreja e muitas e bastas vezes é proclamado nos púlpitos.

Há que acabar duma vez por todas com este mito hediondo de que o Cristianismo é o oposto da ciência e da filosofia. A filosofia e a ciência vieram acabar com o pensamento mitológico e com muitas religiões primitivas; mas o Cristianismo nada tem a ver com este género de religiões. Existem muitos géneros de religião. As religiões não são todas iguais. Existem religiões infra-rationais mas o Cristianismo não é uma religião infra-razional. Bastará uma leitura bem singela do *Antigo Testamento* para se concluir acerca da proibição bíblica dos falsos ídolos e das experiências religiosas arcaicas, contra as quais a filosofia grega se digladiou por ver nelas, mais do que a evidente deficiência lógica, o efectivo perigo social e político das suas práticas ritualistas.

Veja-se, como exemplo dado de raspão, o que acontecia com o culto de Dioniso, ou Baco. Os bacanais eram manifestações de elevadíssima violência: mulheres embriagadas chegavam a matar os próprios filhos, tomadas por um transe estimulado pelos excessos do vinho e outras drogas alucinogéneas. Este culto visava – como, de resto, a grande parte dos cultos dos deuses da terra visam – visava sublinhar a ideia do Eterno Retorno, ou seja, de modo simples: a crença de que todo o ser individual é insignificante, pois que mais cedo ou mais tarde desaparecerá no caldeirão originário donde proveio, como se fosse uma mera bolha sem interesse. Mesmo que esta intuição fosse verdadeira, o que é altamente discutível (o panteísmo é um defeito filosófico), as consequências para a ordem social humana seriam tão graves que justificariam a sua proibição: se o que interessa é o Todo, se toda a individualidade é simples aparência, então matar é irrelevante e fazer sofrer igualmente. Nenhuma sociedade se pode basear num princípio que lhe rouba a justificação.

Ou seja: muito bem esteve a filosofia grega ao desmistificar este género de religiões. O voto de confiança dos filósofos gregos na razão nunca mais abandonou o Ocidente; e muito me congratulo por ver o senhor Padre Caetano Tomás exigí-lo para o nosso

tempo, onde notamos uma certa atracção pelos abismos da irracionalidade, numa inversão de valores que nos coloca, a nós, cristãos, como se fôssemos pré-filosóficos e pré-científicos. Veja-se a forma politicamente correcta como é censurada a evangelização do novo mundo, esquecendo-se quem atribui as culpas da barbárie cristã que os incas e os aztecas sacrificavam milhares de vidas humanas ao deus sol, que é um corpo físico como outro qualquer, muito abaixo em dignidade metafísica ao ser racional e livre. Esquece-se, ainda, quem assim interpreta, que o México é um dos maiores países católicos do mundo actual, e a tanto nem sequer é obrigado e até foi politicamente contrariado. O *Antigo Testamento*, só por si, está muito à frente daquelas culturas, quer em valor teórico, quer em valor prático. O episódio do sacrifício de Isaac está aí para ser analisado – e nem é preciso subir do degrau interpretativo antropológico para entender o seu avanço em termos de mentalidades. O povo intui isto mesmo. Sempre intui. Quem se vira contra o Cristianismo costumam ser as elites intelectuais, muitas vezes com asco por tudo o que é popular.

De resto, grande mal do nosso tempo reside, precisamente, no esquecimento dos factos históricos, da desvalorização das Humanidades em geral nos currículos escolares. Quando o Ocidente tem uma nítida concepção das outras civilizações compreende o alto risco social e político que delas se é obrigado a declinar e – sem ser preciso ter fé – aceita o Cristianismo como a proposta humanista mais justa.

O tão proclamado etnocentrismo, moda antropológica do pós-guerra, é compreensível na sua boa fé. Porém, de boas intenções está o inferno cheio. Os intelectuais da segunda metade do século XX ficaram conhecidos pelos seus erros catastróficos, derivados de uma boa fé que é quase ingenuidade, para não dizer cinismo. É pensar na revolução russa, é pensar na revolução cultural chinesa, etc. Diante da panóplia de culturas que existem podemos tomar pelo menos duas atitudes: a relativista, típica dos tempos de crise, como é o nosso, que aceita todas as sociedades como se todas tivessem o mesmo direito de cidadania; e a atitude que o Cristianismo é obrigado a tomar, dado a Verdade ser apenas uma e dirigida a toda a Humanidade. Nem é preciso sair das religiões monoteístas para aceitar a pertinência desta decisão, haja em vista o islamismo que, de novo, os intelectuais tentam branquear, aproximando do Cristianismo.

Para começar, há a desigual forma de conceber a conversão e o uso da violência. Nós não estamos teoricamente autorizados a utilizá-la e a distinção entre os princípios teóricos e a prática coadjuvante não deve ser omitida. Nunca fomos uma teocracia, e isto pelo simples facto de estar escrita a resposta que Jesus Cristo deu a Pilatos e a anterior, dada à provocação farisaica: «A César o que é de César, a Deus o que é de Deus»; «O meu Reino não é deste mundo». Deus não nos quer à força; Deus persuade-nos com técnicas de Amante. Mas a diferença mais forte entre o Islão e o Cristianismo é a propósito de um tema central como a concepção do ser humano. Demonstra isso o facto de que muitos países islâmicos não tenham aceite a *Declaração dos Direitos do Homem*, promulgada pelas Nações Unidas em 1948, ou o tenham feito com a reserva de excluir as normas que estivessem em contradição com a lei corânica, isto é, na prática, todas. Acrescenta que na tradição islâmica não existe o conceito de igualdade de todos os seres humanos, nem em consequência o da dignidade de toda a vida humana. A “*sharia*”, de facto, está fundada numa tripla desigualdade: entre homem e mulher, entre muçulmano e muçulmana, entre livre e escravo. Na tradição islâmica, a poligamia está consentida ao homem, mas a mulher não pode ter mais de um marido, não pode casar-se com um homem de outra fé, pode ser repudiada pelo marido, não tem direito algum sobre a prole em caso de divórcio, está penalizada na divisão hereditária e desde o ponto de vista jurídico o seu testemunho vale a metade do que o de um homem – tão longe que estamos do julgamento da bela Susana! Se esta caracterização do Islão está destinada no futuro a permanecer invariável, como ocorreu até agora, não pode mais que resultar difícil a convivência com quantos não pertencem à comunidade muçulmana.

A *Bíblia* foi, pois, traduzida para grego por homens de alto valor académico, espíritos treinados em Platão e Aristóteles, que permanecem como expoentes máximos da cultura ocidental. O encontro da matriz greco-latina com a matriz judaico-cristã não é uma guerra da qual sai um vencedor e um vencido, interpretação deturpada que só começa a ganhar terreno a partir do século XVIII. Foi rigorosamente o contrário que aconteceu. O que a Grécia, altamente elaborada do ponto de vista filosófico, reconheceu na *Bíblia* foi o acréscimo valiosíssimo que a Verdade revelada traz ao relativismo, para o qual tende a cair o uso puramente humano da razão, doença que Platão e Aristóteles se esforçam por combater nos seus escritos. De maneira mais simples: a lógica e a dialéctica são instrumentos inexcedíveis na refutação do erro e da mentira. Com estas disciplinas a Grécia conseguiu atingir aquela clareza humanista que lhe é tão característica e que nos orgulha enquanto seus herdeiros naturais. Mas toda a ideia é passível de ser defendida com rigor lógico e trabalho dialéctico, como o pode comprovar qualquer advogado habituado às lides dos tribunais. A *Bíblia* dos 70 surge numa Grécia que parece a torre de Babel, onde todas as teorias são possíveis, mesmo que conduzam a conclusões diversas. Onde tudo é válido nada é seguro. Do ponto de vista puramente humano, havia necessidade de postulados, de axiomas, de princípios teóricos não demonstráveis que fundamentassem com o máximo rigor o conhecimento teórico, donde são declinadas as leis da cidade.

Ora, a *Bíblia* trazia a resposta para os anseios gregos: a Verdade revelada por Deus aos Seus profetas e, mais tarde, expressa pelo próprio Filho de Deus incarnado. Pode alguém contra-argumentar assim: outro postulado qualquer serviria, outra religião qualquer teria sido aceite pela Grécia, que o que a Grécia precisava era duma religião. Não é verdade. Insisto: nem todas as religiões são iguais, nem todos os axiomas valem o mesmo e a Grécia sabia-o muito bem. Exemplificando, agora com o budismo zen e seus derivados, muito em voga no Ocidente contemporâneo: para começar, em bom rigor, não se trata duma religião, que nem existe divindade no budismo; e aquilo que é proposto pelo budismo é rigorosamente o inverso do que é proposto pelo Cristianismo: enquanto que o budismo encara a existência negativamente, elogiando o Nada (que não se entende o que seja), o Cristianismo tem a vida como valor central. As consequências do nirvana são os antípodas do êxtase místico cristão e a Europa, se as perceber integralmente, não vai apreciar.

A *Bíblia* começa com a Criação do mundo por um Deus que considera tudo belo e bom. Deus é um ser distinto da obra criada, o que exclui o panteísmo. Ou seja, a existência individual concreta é um bem. Nós não somos uma aparência fruto da ignorância. Nenhum de nós é apenas mais um ser vivo descartável. A realidade existe mesmo e é bela e boa. Deus chama à existência e mantém nela todos os seres, mesmo os que parecem mais insignificantes, seja louvado S. Francisco de Assis por nos lembrar deste facto. Desde logo, fica excluída qualquer tendência pessimista acerca da vida e, por derivação, toda a violência está ontologicamente proibida. Fazer mal seja ao que for é um ataque ao desejo do Criador. Para além disso, no contexto da Criação, o ser humano é destacado pela sua semelhança com a Transcendência, por outras palavras, a pessoa humana é racional, livre e responsável e, especifica Jesus Cristo, deve amar como a Trindade Se ama entre Si. Todos os homens devem tratar-se como irmãos e à Lei de Moisés – que já era, só por si, duma grandeza inegável – Jesus Cristo acrescenta a abertura ao mundo inteiro. São Paulo, que andou por todas as cidades importantes da Grécia, tem um discurso mais revolucionário do que muitos supostos discursos democráticos actuais.

Que mensagem existe melhor do que esta? A defesa da Justiça, e do Bem sobre a Justiça, a pensar na equidade social; a dignificação absoluta de toda e qualquer pessoa humana e da Natureza criada, a valorização da alegria, da esperança e do futuro, orientado para a vida eterna?! Dá vontade de rir quando se ouve dizer que a democracia

é uma invenção grega! A palavra é grega... na democracia da Grécia Antiga votavam exclusivamente os homens livres com interesses económicos na *polis*. As mulheres eram praticamente escravas e é preciso não esquecer que havia escravos na Grécia. Que o diga São Paulo, que foi escorraçado da Grécia porque proclamava nas ágoras que não há homem livre e escravo, nem judeu e estrangeiro, isto é, que todos somos irmãos aos olhos de Deus-Pai. Leia-se a carta a Filémon, quando intercede a favor de Onésimo. Os gregos compreenderam tão bem o Cristianismo que até o combateram, a princípio. E que dizer dos romanos? Ou pensam os iluministas que os romanos atacavam os cristãos por eles acreditarem na vida eterna? Os leões do circo romano trituraram os ossos dos nossos primeiros irmãos porque eles se recusaram a ver no Imperador um deus e porque eram um alto perigo social. Marx, que é quem é, Marx, repito, entendeu plenamente o significado dos *Actos dos Apóstolos* (livro muito amado pelo senhor Padre Caetano Tomás) e define-o como uma primeira “revolução de massas”, para usar uma terminologia que lhe é própria, embora deficiente. Por outras palavras, o Ocidente democrático da *Declaração dos Direitos do Homem* é fruto do Cristianismo. Porque será que os chineses não aceitam a mesma carta? É porque a base cultural chinesa não é cristã! Somos cristãos mesmo quando não o sabemos. Somos cristãos mesmo quando não o queremos ser. Também por essa tonta rebeldia é de extrema importância que entendamos o Cristianismo na sua essência, por mais que não seja do ponto de vista estritamente temporal. O contrário do Cristianismo é a barbárie e a violência. Começamos a sentir os sinais do que pode ser uma era pós-cristã.

Ou seja: o Cristianismo não é uma verdade qualquer ao nível doutros prováveis postulados. É o discurso mais razoável de todos, o expoente máximo possível ao ser humano, mesmo sem precisarmos de referir a Graça e a fé. «O Cristianismo é um tema de radical importância para a consciência da humanidade», escreverá o senhor Padre Caetano Tomás logo nas primeiras páginas do seu livro (p. 9). O monoteísmo é radicalmente diferente das outras religiões e, dentro das três religiões do Livro, há que reconhecer, com suave determinação, que o Cristianismo «constitui a religião por excelência, à qual são chamados todos os homens»¹. Por exemplo, compare-se com o farisaísmo, que mais facilmente infecta a religião da *Torah* do que a religião do Verbo incarnado; compare-se com o islamismo, ao qual já me referi. Mesmo sem precisar, por enquanto, de referir a Graça e a Fé (e sublinho que até agora não me referi nem à Graça, nem à Fé, por não ser filosoficamente preciso), só com a ajuda da razão filosófica, o Cristianismo aparece como a excelência do humano. Não é difícil chegar a esta conclusão analisando, com a simples razão natural, os Evangelhos. Eu não conheço proposta existencial mais sensata. O nosso tempo opõe filosofia e ciência à religião porque, como muito bem repara o senhor Padre Caetano Tomás, «os ambientes “instruídos” são muito ignorantes em matéria de religião» (p. 11). Porém, «os dados da Ciência não destroem a Religião, nem esta tem nada que temer da Ciência. Antes pelo contrário»². Quando a filosofia e a ciência são feitas à séria são conduzidas à religião; quanto à religião cristã, há que não esquecer que fomos criados por Deus nosso Senhor, que nos quis semelhantes a Ele em espírito e liberdade.

Este é um dos três pilares deste livro: a grande utilidade da lógica, da filosofia e da ciência para o são desenvolvimento da fé cristã³.

O segundo pilar, que muito me alegrou ver presente em *Entender o Cristianismo*, diz respeito ao facto de a nossa ser uma religião revelada. De certa forma, o primeiro pilar está para fora de portas como este está para o interior de alguma Igreja contemporânea, que se deixa levar, com grande desgosto meu, pelas sereias que, incautos Ulisses

¹ Sobre o facto de a religião cristã ser a mais perfeita de todas, cf.: 135;195-198.

² P. 173. Cf. 154 e 162.

³ Cf.: 18; 79; 80-83; 177.

modernos, nos esquecemos de saber iludir, vedando os ouvidos com cera. Refiro-me à tentativa de ler a *Bíblia* como se fosse um livro de História igual a qualquer outro. Aliás, basta assistirmos aos diversos documentários que passam no canal *História*, onde o Cristianismo é interpretado do ponto de vista histórico, arqueológico, antropológico, sociológico, etc. ... mas nunca do ponto de vista dogmático. Ora, admito que o historiador, o arqueólogo, o antropólogo e o sociólogo estudem a *Bíblia* como apenas mais um documento entre tantos outros. Já do ponto de vista estritamente filosófico tenho sérias dúvidas de que uma análise atenta do Livro não revele uma elevação racional digna de desvincular a *Bíblia* do relativismo que aquelas ciências promovem. Enquanto crente, não posso estar mais do lado do senhor Padre Caetano Tomás, quando escreve:

«Sabemos que [Cristo] é Deus porque o afirmou e provou pelos seus milagres em especial pela sua Ressurreição. Se Ele é realmente o Filho de Deus, o Cristianismo tem fundamentos seguros e indiscutíveis. É uma religião revelada. E é por causa dele que somos cristãos. [...] Mas se a fé não assentar em factos divinos, não é autêntica. É uma atitude meramente subjectiva.»⁴

À primeira vista pode parecer que estes dois pilares se encontram nos antípodas e que, portanto se opõem mutuamente. Esclarecendo: pode parecer que a razão se opõe à Verdade revelada, em especial aos Mistérios, que são indispensáveis à fé cristã. Assim não o entenderam os primeiros Padres da Igreja; e nem mesmo muitos filósofos contemporâneos, inclusive alguns insuspeitos, por se declararem ateus e virem da escola analítica, a mais lógica das correntes dentro do reino filosófico. É o caso de Wittgenstein, que afirmava que a vida pode ensinar uma pessoa a acreditar em Deus. Como pode tal acontecer? Isto é: como pode a razão aceitar como mais razoável aquilo que a ultrapassa? Sejam-me permitidos três exemplos. Mas, antes dos exemplos, autorizem-me a aconselhar a leitura atenta dos terceiro e quarto capítulos do livro que me encontro a apresentar, intitulados “Existência Histórica de Cristo” e “‘Indicadores de Realidade’, nos Evangelhos”⁵. Neles se define, precisamente, o que se entende por “indicadores de realidade”, que também podemos denominar “fontes de certeza”.

A razão é uma grande fonte de certezas filosóficas, matemáticas, geométricas, científicas, etc. Porém, não é a única, devido a sermos entes deveras complexos. Por exemplo: por incrível que possa parecer, é muito difícil provar racionalmente a existência do mundo sensível individualizado. No entanto, são raros os filósofos que, ao longo da História, recusaram definitivamente o concreto existencial, dado que a nossa sensibilidade garante-nos, com veemência, que a realidade externa existe, de facto. A experiência sensível é outra das grandes fontes de certeza que possuímos e, se bem que por vezes se oponha à razão, ela não pode ser excluída. Algo de parecido acontece com os afectos, as intuições, os sentimentos e a fé que, parecendo frágeis quando comparados com os instrumentos de prova racional, no entanto enraízam mais fundo, advindo deste nível subliminar uma certeza praticamente impossível de ser desfeita pela consciência. Não somos apenas racionais e a filosofia não tem nenhum interesse em reduzir o ser humano exclusivamente à sua racionalidade. A autoridade é outra fonte de certeza. Respeitamos aqueles que amamos e acreditamos naquilo que nos ensinam. No geral, fazemos fé naquilo que nos dizem os nossos pais, os nossos amigos, os nossos professores, os especialistas vários (médicos, por exemplo), os livros que lemos, etc. Por último, contamos com a nossa experiência pessoal, que vai aumentando com a

⁴ Pp. 13 e 218. Cf.: 25; 66;199/200. Este pilar relaciona-se directamente com a Igreja, à qual muito crente se opõe, como se a Igreja não tivesse sido instituída por Jesus Cristo (Cf.: 22; 85; 117; 121; 236).

⁵ Pp. 29-58.

idade. A vida ensina muito a uma pessoa e pode levá-la a reformular muitos dos seus pressupostos e preconceitos. A experiência da vida é uma das maiores fontes de certeza com que se pode contar, pois toca-nos por inteiro, a ponto de podermos ser conduzidos a recusar todas as demais, inclusive a da razão. Por falar em experiência, há que evitar, a todo o custo, o reducionismo que toma por única prova científica a experiência laboratorial. Onde fica a experiência artística? E a experiência do coração?

O primeiro dos meus exemplos diz respeito à relação humana. Podemos conhecer muito bem uma pessoa mas jamais conseguiremos entendê-la na íntegra e pretendê-lo é reduzir a pessoa humana à dimensão de objecto. Isto tem a ver com o facto da pessoa humana ser um projecto em aberto, sempre reformulável de acordo com a sua liberdade. O ser humano é de tal modo complexo que a si próprio se surpreende muitas vezes. A vida ensina uma pessoa a respeitar o insondável que cada outro é. Toda a explicação racional embarra, a limite, com a constatação de que a pessoa humana é um mistério. Esta conclusão não é desrazoável, nem é um convite ao inconsciente irracional; é a decisão mais sensata à qual um ser humano adulto e experimentado pode chegar. A razão reconhece, assim, que há explicações melhores que a ultrapassam.

O segundo exemplo está relacionado com a aceitação da Providência. A meio da vida já uma pessoa reconheceu que os factos, por mais que previsíveis, ultrapassam muitas vezes o cálculo de probabilidades. Quem é que se atreve a dizer que domina as circunstâncias? Só o insensato. É evidente que podemos controlar muita coisa e reside aqui o princípio da liberdade individual, bem como da responsabilidade. Todavia, “sombra de um sonho é o homem”, já o confirmava Píndaro, que não leu Job. Reconhecer os limites do conhecimento humano acerca dos factos naturais e históricos é sinal de grande racionalidade. Isto não leva necessariamente a Deus e à Providência, é certo; pode conduzir à astrologia ou ao acaso, pura e simplesmente. Mas parece óbvio que o ser humano que se submete às voltas que um astro dá no céu entrega de mão beijada a sua liberdade a uma pedra – isto para além dos argumentos utilizados por Santo Agostinho, há tantos séculos que já foram esquecidos pelos movimentos *New Age*. Quanto às leis do acaso, entre aderir ao acaso e aderir a um princípio inteligente, parece mais inteligente aderir à inteligência, e não à falta dela. De novo, é a simples razão que aconselha a aceitar aquilo que a ultrapassa, por ser mais abrangente e explicativo do que as respostas que é capaz de dar.

O terceiro exemplo tem a ver com o acaso, precisamente, e está relacionado com uma das provas mais antigas para a existência de Deus, que se refere à perfeição do mundo. Uma das suas formulações mais atraentes é aquela que pede para imaginarmos alguém que encontra, ao passear, um relógio, sem nunca ter visto um objecto destes na vida. Pode concluir que está ali como estão as pedras, mas é mais lógico que deduza que uma máquina tão elaborada exige um relojoeiro. A elaboração da Natureza pode ser obra do acaso, mas esta explicação é excessivamente desrazoável, dada a grandeza e majestade do mundo. É uma explicação preguiçosa. Mesmo que não compreendamos Deus, faz mais sentido pressupô-l’O do que excluí-l’O.

A falsa oposição entre os dois pilares de *Entender o Cristianismo*, que já referi, fica a dever-se ao terceiro pilar, que se ocupa da análise psicológica do homem contemporâneo. Sabemos da experiência do senhor Padre Caetano Tomás neste campo do conhecimento. Não nos admiramos, pois, muito, com a excelência do retrato feito: a mentalidade do nosso tempo caracteriza-se por uma forte ausência de estruturação mental⁶, incapacidade que nasce da ausência da prática filosófica e lógica e que se nota no saltitar de categoria para categoria⁷, sem perder o tempo suficiente que cada uma

⁶ P. 17.

⁷ Pp. 14/15.

exige para se desenvolver com mérito. Não é preciso ser professor para dar razão ao senhor Padre; basta tentar acompanhar um debate televisivo. Esta imaturidade⁸ conduz à agressividade⁹ de quem não pensa e quem não pensa tende ao egoísmo natural¹⁰, à preguiça e ao prazer¹¹, tão baralhado com o amor¹². Tempo de crise¹³, obviamente, onde a ignorância¹⁴ se junta à falta de boa vontade¹⁵.

Este modo de ser provém dos filósofos que propuseram o existencialismo, em concreto Nietzsche, que sugere a inversão dos valores cristãos, associando, a partir de então, o bem a tudo aquilo que estimula os instintos vitais mais básicos. Sem querer, Freud também ajudou nesta catástrofe, ao referir o peso e a importância do inconsciente – embora Freud jamais tenha defendido que os seres humanos e as civilizações pudessem viver de acordo com as leis da inconsciência, pois era culto e inteligente quanto bastava para antever as consequências, que declarou, aliás. Marx, bom leitor de Jean-Jacques Rousseau, considera como verdadeiro o mito do “bom selvagem”, atribuindo todos os males humanos ao grupo e nenhum ao indivíduo, como se não fosse evidente o mal radical. Ora, um tal “composto vitamínico”, se me é permitida a expressão, associado à triste lembrança de Kant ter proibido à metafísica de ambicionar o estatuto de ciência, só poderia ter como resultado esta insubordinação egoísta que é o traço predominante da nossa época.

Porém, se há alguém que sempre fez a apologia da matéria e do mundo criado fomos nós, os povos da *Bíblia*! Os cristãos vão ao ponto de acreditar na ressurreição da carne! Não é a alma que ressuscita, é a pessoa integralmente (é a Bíblia dos 70 que separa alma e corpo, por causa dos conceitos filosóficos gregos, pois no hebraico não há lugar para esta dicotomia). Diga-se de maneira muito clara: nós não temos nenhum problema nem com a matéria nem com o corpo! Pois se foi Deus nosso Senhor que os criou! O que nós sabemos muitíssimo bem – e já o sabia Aristóteles, o autor do *De Anima*, bem estudado na Idade Média – o que nós temos a certeza absoluta é de que há níveis de comportamentos aceitáveis no reino animal, é certo, mas não em pessoas livres e responsáveis que, para além de racionais, revelam à abundância terem elevada apetência espiritual, mesmo que não sintam fé. Exemplo: uma pessoa minimamente culta, mesmo que sem fé, não troca um concerto de Mozart por um prato de lentilhas. Não é aceitável que o ser humano se reja pelos prazeres básicos da carne, quando pode provar os prazeres inexcedíveis do espírito. Até um utilitarista percebe isto! Para além do mais, não é possível viver feliz no egoísmo, que conduz à solidão. Já o tinha dito, outra vez, Aristóteles. Somos seres feitos para a relação. É a relação que nos torna melhores. Só há *pessoas*. O conceito de *pessoa* requer o de *relação* de um *Eu* com um *Tu*. A relação não é algo que se acrescenta à pessoa. Ser *pessoa* é pura relação, nada mais. Esta condição já se manifesta nas palavras em que o conceito de *pessoa* se baseou: a palavra grega *prosopon* significa literalmente “olhar dirigido para”; com o prefixo *pros* (=para) inclui a ideia de relacionamento como seu elemento constitutivo. A palavra latina *persona* apresenta originalmente uma conotação semelhante, pois vem de *per-sonare*, ou seja, “soar através”, em que o prefixo *per* (=através/para) exprime relacionamento, neste caso sob a forma de linguagem. Só sou pessoa quando olho nos olhos outra pessoa (*prosopon*) com quem dialogo (*per-sonare*). A muito custo conseguimos imaginar um ser humano isolado por completo doutros seres humanos. Este ponto é crucial e não

⁸ P. 97.

⁹ Pp. 15; 83; 129; 153.

¹⁰ Pp. 108; 190; 194.

¹¹ P. 126.

¹² Pp. 109; 128.

¹³ P. 113.

¹⁴ P. 7.

¹⁵ P. 136.

deve ser nunca esquecido na discussão acerca dos valores, sejam eles ético-morais, políticos, estéticos ou religiosos.

Portanto, e para concluir, o problema não está nem na filosofia, nem na religião, mas sim na psicologia. Do mal, o menos, pois assim há esperança de uma reeducação do homem europeu contemporâneo, com vista àquilo que já se chama de nova evangelização. Não creio que ninguém nesta sala possa afirmar que é doença da qual não sofremos nos Açores. São evidentes os sintomas. E, por tudo o que atrás deixo dito, é que aconselho veementemente este livro do senhor Padre Caetano Tomás, onde a doutrina mais sólida encontra a expressão mais escurrita e acessível que se poderia desejar. Veria com muitos bons olhos que fosse distribuído pelas paróquias da diocese e que desse origem a cursos de formação dos tais adultos que têm como conhecimento da fé a simples quarta classe da catequese, mesmo que sejam doutores e engenheiros e que falem do Cristianismo como se esse fosse uma religião qualquer e assunto dispensável à Humanidade. Todos nós, cristãos conscientes do alto valor da nossa crença, deveríamos ser responsáveis por desvincular o Cristianismo de uma espécie de livro de historietas para crianças porque, para além de se tratar da salvação da alma, o Cristianismo propõe a melhor organização social e política que se conhece. Vejo esta tarefa “académica” como absolutamente prioritária. Assim agiu São Paulo, ao ir para a Grécia, e o nosso tempo é muito parecido com o da Grécia pré-paulina. O iluminado de Damasco foi para o meio dos mais sábios explicar porque é que a sabedoria de Deus suplanta a sabedoria do mundo. Não podia ser um simples pescador, como Pedro, sem desmerecimento para Pedro, que foi posto no lugar onde está por quem sabe tudo. Para além de iluminado, Paulo era muito culto, doutor da Lei e dos melhores; ia precisar do treino, pois as universidades gregas eram famosas. Bento XVI pede-nos algo muito análogo e está coberto de razão, ou não tivesse sido escolhido pelo Espírito-Santo.

Termino com uma citação de S. Tomás de Aquino, outro génio do pensamento humano que, por certo, não iria aderir a uma fantasia obscurantista. Diz o doutor seráfico que: «Acreditar é um acto da inteligência (1) que adere à verdade divina (2) sob as ordens da vontade (3) movida por Deus por meio da graça (4)». Assinalei quatro pilares nesta frase, que são equiparáveis aos três que formam a estrutura do livro do senhor Padre Caetano Tomás: (1) o acreditar cristão é um acto da inteligência e nada tem a ver com as dimensões inconscientes do humano; (2) é a inteligência que nos leva a aderir à Verdade revelada, e não o medo, o hábito ou seja lá o que for; (3 e 4) esta determinação da inteligência exige um carácter bem formado, onde a força de vontade não se coaduna com vícios de personalidade, entre os quais, como gravíssimo, ressalta a insubordinação, o «Non serviam» de Lúcifer.

Que Deus nosso Senhor continue consigo, senhor Padre e que esta Diocese o aproveite ao máximo e aos seus dons, que tão bem pôs a render. Estou muito feliz por ter lido o seu livro e me ter sido facultada a sua apresentação. É que, para além de tudo o que já disse, há que elogiar o seu estilo, tão clássico, tão de quem sabe que o Português deriva do Latim! É tão claro, meus irmãos, lê-se como a água que corre. É tão escurrito. Convoco-os muito sinceramente à leitura. E que época melhor do que esta Quaresma do ano da graça de 2006?

Santa Quaresma!

Obrigado.